

«ANY WHERE OUT OF THE WORLD».
PORTUGAL: PERSPECTIVAS EUROPEIAS

*Fernando Clara**

Universidade Nova de Lisboa

«A nossa questão é a da nossa *imagem* enquanto
produto e reflexo da nossa existência»
(Lourenço 1992: 11)

0. INTRODUÇÃO

No posfácio que encerra a 7ª edição (1997) de *A Jangada de Pedra*, posfácio que se intitula «*A Jangada de Pedra* ou os possíveis da história», Luís de Sousa Rebelo entende dever sublinhar a «originalidade do tema deste romance» (341) de Saramago.

Ora, se é possível que a *metáfora* de uma ‘jangada de pedra’ aplicada ao espaço geográfico da Península seja original, a verdade é que a *ideia* que lhe está subjacente — de uma Península-Ilha Ibérica que se constitui, nas próprias palavras de Saramago, como «um mundo fora do mundo» (Saramago 1997: 275) — tem uma longa tradição literária.

De resto, o próprio livro de Saramago não pode deixar de ser lido como fazendo também parte dessa tradição literária onde, aliás, claramente se insere: veja-se, a este título, a contracapa da 7ª edição aqui utilizada, que ostenta uma citação de Estrabão e outra de um alegado anónimo popular português (indícios de que o livro resulta de um misto de tradição e saber literário clássicos e do saber anónimo popular); vejam-se, por exemplo, as diversas referências ao facto de as éguas lusitanas procriarem com o vento, um dos *mirabilia* lusitânicos popularizados no Mundo Antigo que Plínio, entre outros, ajudou a

* Conferência apresentada na 52nd. Kentucky Foreign Language Conference (Universidade de Kentucky, Lexington, USA, 22-24 de Abril de 1999) e realizada com o apoio da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

divulgar;¹ veja-se, finalmente, a citação e referência a um ditado popular, que ocorre com muita frequência na literatura europeia de viagens sobre Portugal, especialmente durante o século XVIII: «quem não viu Lisboa não viu coisa boa».

Independentemente da «originalidade do tema» ou, talvez melhor, independentemente do modo ‘original’ como o tema é tratado, tratar-se-á então, aqui, de analisar, de uma forma naturalmente não exaustiva, essa tradição literária que se afigura constitutiva do romance de Saramago acima referido.

A «nossa questão é [também] a da nossa *imagem*» (Lourenço 1992: 11), literária, cultural, mítica; questão que aqui será analisada a partir de algumas das *hetero-perspectivas* — i.e., algumas das imagens, miragens e visões — de Portugal que abundam na literatura europeia. Paralela e inevitavelmente serão também abordadas algumas das *auto-perspectivas* e *auto-imagens* produzidas pela identidade portuguesa.

Justamente porque a maior parte das hetero-perspectivas estão profundamente enraizadas na História, começar-se-á precisamente por uma análise histórica e cronológica das mesmas. Esta primeira parte surge assim dividida em três sub-secções que correspondem aproximadamente às três grandes mudanças que essas hetero-imagens sofreram ao longo dos tempos:

1. existe no início uma imagem relativamente estável de Portugal (e mais genericamente de toda a Península Ibérica), que tem as suas origens no Mundo Antigo e perdura até meados do século XVIII;
2. por volta dessa época, ou, para ser mais exacto, em 1755, ocorre uma mudança radical dessa imagem, mudança essa que tem sem dúvida a sua origem no Terramoto de Lisboa;

1. Cf. Plínio-o-Velho (*apud* Guerra 1995: 37): «Consta que próximo de [...] Olisipo e do rio Tejo, na Lusitânia, as éguas viradas para a brisa do favónio recebem um sopro fecundante e deste modo se gera uma cria muito veloz, mas que não ultrapassa os três anos de vida», veja-se também o comentário ao mesmo passo (Guerra 1995: 119), nomeadamente no que diz respeito às fontes do autor latino.

3. finalmente, e nas últimas décadas — a começar com a Revolução de 1974 e a acabar possivelmente com a entrada de Espanha e Portugal para a Comunidade Económica Europeia (1985) — ocorreu de novo uma mudança de imagem, porventura não tão radical como a provocada pelo Terramoto de Lisboa, mas ainda assim de importância que me parece crucial.

Deverá contudo ser dito e sublinhado que estas imagens não são, nem mais nem menos do que isso: imagens e visões, algumas são verdadeiras alucinações e uma grande parte delas miragens.

Saliente-se, por último, que não se trata aqui de tentar perceber o que *Portugal realmente é*. Não se trata, por conseguinte, de fixar, estabelecer ou definir constantes *ontológicas* de uma *identidade portuguesa*, mas sim de tentar perceber alguns dos vários *reflexos* e *imagens* produzidos a propósito dessa identidade, ou seja, tratar-se-á de tentar perceber o modo como essas hetero-perspectivas foram *formadas*, como *sobreviveram* e como *mudaram* ao longo do tempo.

1. PERSPECTIVA HISTÓRICA

1.1. «MESOPOTAMIA EUROPÆ»

As referências à Península Ibérica, ou mais especificamente a Portugal, não são muito abundantes nas obras antigas de cariz historiográfico ou geográfico.

A descrição que Estrabão faz da Península Ibérica (no Livro III da sua *Geografia*) pode ser vista neste contexto como uma excepção. Principalmente porque a imagem que aquele autor deixa da Península se tornou posteriormente numa das mais produtivas (i. e., imitadas) imagens de Portugal de todos os tempos. Por um lado, porque se trata de uma imagem bastante completa — ficam claramente traçadas as diferenças entre a Lusitânia e as outras províncias romanas da Península Ibérica —; por outro lado, porque se trata de uma imagem seminal no que diz respeito especificamente a Portugal (Estrabão 1994: 66):

O país de que falamos é próspero e grandes e pequenos rios o atravessam, todos vindos das bandas do nascente e paralelos ao Tejo. A maior parte deles são navegáveis e têm pepitas de ouro.

Traços desta imagem ‘original’ podem ser seguidos até anos mais recentes (cf. entre muitos outros Heinrichs 1990 e Kaplan 1991), onde Portugal (e por vezes mais especificamente Lisboa) é retratado como o «jardim da Europa».

Isso não significa, contudo, que essa imagem tenha permanecido estável e isenta de mudanças durante séculos. De facto, houve importantes transformações tais como aquelas que têm directa ou indirectamente a ver com as Descobertas. Surgiram novos aspectos, como p. ex. os que resultaram do facto de, a partir de inícios do séc. XV, os Portugueses estarem envolvidos nas viagens marítimas de exploração e descoberta de novas terras, de tal modo que a palavra «português» se tornou sinónimo de «marinheiro». Outros aspectos houve ainda que desapareceram ou se tornaram apenas latentes (tendo apenas um valor simbólico), como o facto de o rio Tejo e outros terem margens auríferas. Mas o que deve ser sublinhado é que durante muito tempo não surgiu uma mudança radical de perspectiva, de forma que o quadro mental e simbólico que servia de moldura e enquadramento à imagem de Portugal permaneceu mais ou menos estável.

E como estava ali, disponível, pronto para ser usado e (re)duplicado rapidamente se tornou um *cliché*.

Mais tarde Pomponius Mela (à semelhança de muitos autores clássicos) reproduz também a *mesma* imagem, e isso sucede apesar de agora se tratar de um autor originário da Península Ibérica, que teria tido assim a possibilidade de descrever essa zona ‘periférica’ do Mundo Antigo a partir de um ponto de vista que se poderia basear na sua própria *experiência* pessoal (cf. Mela 1994: 143 e segs.).

Especialmente interessante, neste contexto, é aquilo que Colombo escreve enquanto explora uma ilha do Novo Mundo. Num Domingo, 25 de Novembro de 1492 ele anota no seu diário (Colombo 1986: 105):

Luego a la entrada del cabo, de la parte del Sueste, andando dos tiros de ballesta vio venir de un grande arroyo de muy linda agua que deçendía de una montaña abaxo, y hazía gran ruido. Fue al río y vio en él unas piedras reluzir, con unas manchas en ellas de color de oro, y acordóse que, en el río Tejo, al pie d'él, junto a la mar, se halla oro, y pareçiole que cierto devía de tener oro [...].

Tendo em conta que Colombo conhecia bastante bem Lisboa — tinha casado em Portugal e vivera vários anos na Madeira (Porto Santo) e em Lisboa — esta passagem pode ser tomada como *exemplar* no que diz respeito ao poder desta imagem *estereotípica*.

Mas deve também ser lida como *prova do poder da visão mítica* que se impõe às perspectivas pessoais não deixando espaço disponível para que a *experiência* possa desempenhar o seu papel durante a observação, descrição ou, dito de uma forma mais geral, durante todo o *processo cognitivo*.

Como já ficou referido, houve no entanto novos elementos e aspectos que surgiram e que resultam directa ou indirectamente das viagens dos Descobrimentos. Esses novos elementos merecem alguma atenção na medida em que são responsáveis por mudanças que se haveriam de revelar bastante produtivas *a posteriori*.

Traços dessas mudanças, e principalmente da eficácia dessas mudanças, podem possivelmente ser melhor observados a partir do papel desempenhado pelos portugueses em duas das mais importantes obras da literatura ocidental: a *Utopia* de Thomas More e o *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe.

1.2. AS DESCOBERTAS

Tal como Paul Turner (tradutor e autor da introdução da edição inglesa de *Utopia* aqui utilizada) refere, no texto de Thomas More «[...] emphasis on phantasy is paradoxically combined, as in modern science fiction, with an emphasis on realism» (More 1965: 9). Ora precisamente esse *realismo* advém-lhe do facto do narrador ser um marinheiro português (More 1965: 38):

[...] our friend Raphael – for that's his name, Raphael Nonsense – is quite a scholar. He knows a fair amount of Latin and a tremendous lot of Greek. [...] He wanted to see the world, so he left his brothers to manage his property in Portugal – that's where he comes from – and joined up with Amerigo Vespucci [sic].

Duzentos anos mais tarde podemos verificar como o mesmo mecanismo de verosimilhança ainda funciona, agora com Daniel Defoe, em *Robinson Crusoe* (Defoe 1965: 53-54):

I jumped out of the cabin, and immediately saw not only the ship, but [...] that it was a Portuguese ship, and as I thought was bound to the Coast of Guinea for negroes. [...] then they [the Portuguese] bad me come on board, and very kindly took me in, and all my goods.

It was an inexpressible joy to me, that anyone will believe, that I was thus delivered [...] and I immediately offered all I had to the captain of the ship, as a return for my deliverance; but he generously told me he would take nothing from me, but that all I had should be delivered safe to me when I came to the Brasils, 'for' says he, 'I have saved your life on no other terms than I would be glad to be saved my self' [...].²

Deverá ser sublinhado que ambos os livros não trazem propriamente nada de novo ou de original no que diz respeito à imagem de Portugal. Pelo contrário, o que estas obras reflectem é uma imagem de Portugal e dos portugueses que se terá tornado trivial a partir de meados do séc. XV. De facto, ambos os autores usam essa imagem por forma a que as suas obras sejam lidas como histórias verdadeiras e não como mentiras fantasiosas dos seus autores.

1.3. A INQUISIÇÃO

Dois anos apenas após o surgimento de *Robinson Crusoe*, Montesquieu publicou anonimamente as *Lettres Persanes*, um conjunto de cartas alegadamente escritas por um persa durante as suas viagens pela Europa.

O que mais impressiona nestas cartas — que, tal como o *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, constituíram um sucesso editorial muito significativo na época — é a radical mudança de perspectiva que, entretanto, se operava (se operara) na imagem de Portugal. Tendo em conta que o Portugal apresentado por Montesquieu é, por um lado, contemporâneo do Defoe, e por outro lado, se trata ainda de uma imagem que pouco tem de original, i.e., que também deveria ser corrente na altura, é-se obrigado a notar que algures entre os sécs. XV e XVIII ocorreram alterações significativas na imagem europeia de Portugal, surgiram novos elementos, alguns deles suficientemente importantes para se terem cristalizado em *clichés*.

2. Veja-se ainda Defoe 1965: 274 e segs., quando Crusoe regressa a Lisboa.

Assinale-se também que, pela primeira vez, co-ocorrem duas imagens opostas do país, sem que essa oposição signifique no entanto contradição (Montesquieu 1964: 133-136):

[Lettre LXXVIII]

Je parcours depuis six mois l'Espagne et le Portugal et je vis parmi les peuples qui, méprisant tous les autres, font aux seuls Français l'honneur de les haïr.

La gravité est le caractère brillant des deux nations; elle se manifeste principalement de deux manières: par les lunettes et par la moustache.

Les lunettes font voir démonstrativement que celui qui les porte est un homme consommé dans les sciences et enseveli dans de profondes lectures, à un tel point que sa vue en este affaiblie. [...]

Quant à la moustache, elle est respectable par elle-même [...].

On conçoit aisément que des peuples graves et flegmatiques comme ceux-là peuvent avoir de l'orgueil: aussi en ont-ils. [...]

Ils sont premièrement dévots, et secondement jaloux [...].

Ils ont de petites politesses qui, en France, paraîtraient mal placées: par exemple, un capitaine ne bat jamais son soldat sans lui en demander la permission, et l'Inquisition ne fait jamais brûler un Juif sans lui faire ses excuses. [...]

Vous pourrez trouver de l'esprit et du bon sens chez les Espagnols; mais n'en cherchez point dans leurs livres. [...]

Ils ont fait des découvertes immenses dans le nouveau Monde, et ils ne connaissent pas encore leur propre continent [...].

Ils disent que le Soleil se lève et se couche dans leur pays; mais il faut dire aussi qu'en faisant sa course, il ne rencontre que des campagnes ruinées et des contrées désertes.

A anedota sobre o «regresso de Adão», popular no séc. XVIII europeu, ilustra bem esta mudança de perspectiva. Ei-la na versão contada pelo Conde de Oxenstirn (1754: 298-299):

On dit assez plaisamment, qu'il y a quelques années, qu'Adam revint au monde, & qu'en faisant le tour de l'Europe, il la trouva tellement changée, après avoir parcouru la France, l'Allemagne, l'Angleterre, la Hollande, &c. il ne les reconnut pas: mais qu'en arrivant en Espagne, il s'écria tout haut: Ha! pour ce país-ci, je le reconnois; car on n'y a rien changé depuis mon départ. Il est bien certain, que la paresse du peuple dans ce país-là est extraordinaire, & que quoique pauvre au dernier degré, il aime mieux gueuser avec gravité, que de labourer la terre avec quelque peine.

Naturalmente que grande parte das causas destas mudanças remontam ao tempo da Inquisição e da expulsão dos judeus, primeiro de Espanha e depois de Portugal, judeus esses que, emigrando para a Alemanha, Holanda e Itália, levaram com eles a imagem de uma Península Ibérica obcecada com a fé, supersticiosa, ignorante e cruel.

Mas o próprio séc. XVIII — sobretudo a mentalidade e ideias da época — haveria de interferir mais determinadamente na (de)formação desta imagem que, entretanto, parece

adquirir algum dinamismo: é introduzido um novo *aspecto* — o «tempo»³ — que passa, a partir desta época, a fazer parte da mesma imagem.

Em termos gerais, dir-se-ia que a imagem de Portugal se desenvolve agora em função de dois eixos principais: por um lado, há os tópicos que lidam com a oposição Natureza (que tem globalmente um valor positivo) / Povo (com um valor negativo); por outro lado, há os temas que se referem à oposição Passado (positivo) / Presente (negativo).⁴

A *Encyclopédia* de Zedler reflecte bastante bem esta mesma imagem, uma imagem que em alguns aspectos parece anacrónica, ou mesmo burlesca (Zedler 1741: 1658-1663):

Das Land hat viel schöne Flüsse, daher es auch das MESOPOTAMIA EUROPÆ, genennet wird. [...] Vorzeiten war es sehr Volckreich, seit dem es aber durch die vielen Indianischen Colonien und die langwierigen Schiffahrten viel Volck eingebüset, auch die Inquisition viel 1000 Menschen hingerichtet oder ausgejaget, hat man davon einen grossen Abgang verspüret. [...] Die Lufft ist in Portugall noch ziemlich temperirert, daher hat es am Wein, Oel, Pomeranzen, Citronen und anderm Obst, wie auch an Honig grossen Überfluss. [...] Was die Einwohner anlanget, so sind sie in den ehemaligen Zeiten vor tapffer gehalten worden, welcher Ruhm aber in den neuern Zeiten sich ziemlich verringert. Ihrem Könige sind sie sehr getreu, dabey aber auch hochmüthig, aufgeblasenn, betrügerisch, mißtrauisch, zum öfftern verwegen und unbesonnen. Ihre meiste Sorge ist auf die Handlung gerichtet [...] dahero floriren auch die Studien daselbst nicht allzusehr. Doch scheinen seit einigen Jahren verschiedene Grosse des Reichs die Wissenschaften gar besonders zu lieben, und bezeigen für die neu aufgerichtete Academie der Wissenschaften einen sehr rühmlichen

The country has many beautiful rivers, therefore it is also called the MESOPOTAMIA EUROPÆ. [...] In ancient times it had a considerable population, but ever since it has lost a large number of people due to the numerous Indian colonies and the long distance sea voyages, and besides many thousands of people have been executed by the Inquisition, and as a result a large decrease in population has been registered. [...] The climate in Portugal is relatively moderate, therefore there is an abundance of wine, oil, oranges, lemons and other kinds of fruit, as well as honey. With respect to the inhabitants, in ancient times they were considered brave, however nowadays fame has considerably diminished. They are extremely loyal to their Kings, but at the same time they are unpleasantly proud, conceited, corrupt, distrustful and frequently daring and unconsiderate. Commerce is their main concern [...] as a consequence arts and sciences do not especially flourish. Nevertheless for the last couple of years several noblemen of the Empire have shown a special interest in sciences and have demonstrated an honorable dedication to the recently

3. Saliente-se que até esta época as imagens europeias de Portugal são imagens/descrições maioritariamente geográficas e, portanto, predominantemente *espaciais*. Do que aqui se trata, no fundo, é da introdução da «História», ou da introdução do pensamento e do tempo históricos.

4. Cf. Ranum 1986: 77 e segs.. O mesmo sucede com os Gregos que se apresentam, na literatura de viagens, como um povo miserável e em declínio, mas que tinha realizado grandes feitos no passado.

Eifer.

founded Academy of Arts.

Surpreendentemente a imagem projectada pela *Encyclopédie* francesa parece concentrar-se nos aspectos mais classicamente positivos de Portugal. A Natureza e as Descobertas são portanto os elementos que se destacam (Jaucourt 1765: 157-158):

L'air y est assez tempéré, pur & sain. C'est un très-bon pays; le blé n'y manque pas, les fruits sont exquis, les huiles délicieuses: on y trouve quantité de miel; les laines sont admirables; les salines très abondantes; les bestiaux et les chevaux très estimés; on sait combien les orangers, les vins [...] sont recherchés.

Il y a des mines d'or & d'argent, des carrières de beau marbre, & de pierres précieuses, des rubis, des émeraudes [...].

Ce fut cette nation qui, la première des nations modernes, navigea sur l'Océan atlantique. Elle n'a dû qu'à elle seule le passage du cap de Bonne-Espérance, au lieu que les Espagnols durent à des étrangers la découverte de l'Amérique.

Que as palavras portuguesas com mais sucesso internacional sejam termos relacionados com fruta, é coisa que se torna óbvia face ao que para trás fica dito. Os exemplos clássicos são naturalmente «banana» e «marmelada». E talvez valha também a pena referir o facto de «laranjeira» em romeno ser «portocal».

1.4. O TERRAMOTO DE LISBOA

A Natureza, porém, que parecia haver sido tão pródiga com o extremo Ocidental da Europa, mostrou a sua outra face — uma face impiedosa e cruel — no dia 1 de Novembro de 1755, pelas 9:30 da manhã, Lisboa era varrida do mapa por um terramoto, tendo a maior parte das vítimas sucumbido nas igrejas onde assistiam à missa do dia de Todos os Santos.

As notícias viajavam depressa no séc. XVIII e rapidamente se propagaram pela Europa, que se via assim abalada por uma onda de choque que causaria danos irrecuperáveis no que diz respeito à mentalidade e às perspectivas filosóficas, religiosas e mais genericamente culturais da época.

De entre os muitos autores que se viram (como que) forçados a reflectir sobre as consequências deste acontecimento central para todo o séc. XVIII, poder-se-ia mencionar

— no contexto em que nos encontramos — o nome de Kant, que logo no início de 1756 (em Janeiro, Março e Abril) lhe dedicou 3 ensaios.⁵ Se é certo que nesses ensaios pela primeira vez se chama a atenção para o papel que o mar — enquanto elemento propagador da onda de choque — terá desempenhado na catástrofe, a verdade é que neles não fica reflectido o olhar do filósofo, mas sim o do físico (*Naturphilosoph*).

Contribuição maior, no que diz respeito à imagem de Portugal e às consequências morais e teológicas do terramoto de 1755, foi a que foi dada por Voltaire no seu «Poème sur le désastre de Lisbonne, ou Examen de cet axiome ‘Tout est bien’». Tal como o título deixa transparecer, o seu primeiro objectivo é refutar a filosofia de Leibniz que via este mundo como o «melhor dos mundos possíveis». Mas ao fazê-lo, Voltaire deixa simultaneamente um dos mais interessantes catálogos das visões europeias do Portugal da época (Voltaire 1756 *apud* Breidert 1994: 61):

O malheureux mortels! ô terre déplorable!
O de toutes les fléaux assemblage effroyable!
D'inutiles douleurs éternel entretien!
Philosophes trompés, qui criez: «Tout est bien»;
[...]
Direz-vous, en voyant cet amas de victimes:
«Dieu s'est vengé, leur mort est le pris de leurs crimes?»
Quel crime, quelle faute ont commis ces enfants
Sur le sein maternel écrasés et sanglants?
Lisbonne, qui n'est plus, eut-elle plus de vices
Que Londres, que Paris, plongés dans les délices?
Lisbonne est abîmée, et l'on danse à Paris.
[...]
C'est le orgueil, dites-vous, l'orgueil séditieux

Esta imagem não ficaria no entanto completa sem uma breve referência à sátira caricatural constituída pelo *Candide* de Voltaire, publicada quatro anos após o terramoto. Cândido e o seu mentor (Pangloss/Leibniz) conseguem chegar a terra depois do barco que os tinha trazido a Lisboa ter naufragado. Precisamente nesse momento, a terra treme e a cidade desmorona-se (Voltaire 1986: 59-60).

5. Coligidos por exemplo em Breidert 1994: 100-143: «Von den Ursachen der Erderschütterungen bei Gelegenheit des Unglücks, welches die westlichen Länder von Europa gegen das Ende des vorigen Jahres betroffen hat» (Januar 1756); «Geschichte und Naturbeschreibung der merkwürdigen Vorfälle des Erdbebens, welches am Ende des 1755sten Jahres einen großen Teil der Erde erschüttert hat»

A peine ont-ils mis le pied dans la ville [...] qu'ils sentent la terre trembler sous leurs pas; la mer s'élève en bouillonnant dans le port et brise les vaisseaux qui sont à l'ancre. Des tourbillons de flammes et de cendres couvrent les rues et les places publiques; les maisons s'écroulent, les toits sont renversés sur les fondements, et les fondements se dispersent; trente mille habitants de tout âge sont écrasés sous des ruines. [...] «Quelle peut être la raison suffisante de ce phénomène?» disait Pangloss. «Voici le dernier jour du monde», s'écriait Candide.

Não surpreende pois que Lisboa seja a cidade onde Pangloss/Leibniz haveria de morrer (Voltaire 1986: 62-64):

Après le tremblement de terre qui avait détruit les trois quarts de Lisbonne, les sages du pays n'avaient pas trouvé un moyen plus efficace pour prévenir une ruine totale, que de donner au peuple un bel autodafé; il était décidé par l'université de Coïmbre, que le spectacle de quelques personnes brûlées à petit feu en grande cérémonie, est un secret infaillible pour empêcher la terre de trembler.

On avait en conséquence saisi un Biscayen convaincu d'avoir épousé sa commère, et deux Portugais qui en mangeant un poulet en avaient arraché le lard; on vint lier après le dîner le docteur Pangloss, et son disciple Candide, l'un pour avoir parlé, et l'autre pour avoir écouté avec un air d'approbation: tous deux furent menés séparément dans des appartements d'une extrême fraîcheur, dans lesquels on n'était jamais incommodé du soleil [...]. Candide fut fessé en cadence pendant qu'on chantait; le Biscayen et les deux hommes qui n'avaient point voulu manger le lard furent brûlés, et Pangloss fut pendu quoique ce ne soit pas la coutume. Le même jour la terre trembla de nouveau avec un fracas épouvantable.

Candide épouvanté, interdit éperdu, tout sanglant, tout palpitant, se disait à lui-même: «Si c'est ici le meilleur des mondes possibles, que sont donc les autres? [...]»

Depois do terramoto, a imagem de Portugal, agora mais complexa, conhece alguma estabilidade. O modelo bipolar atrás mencionado adquire uma forma definitiva:

1. de um lado há uma imagem muito *positiva*, que está normalmente associada à *natureza* e que tem as suas raízes nos escritos sobre Portugal de antes do terramoto (sublinhe-se que o terramoto não deve ser visto negativamente neste contexto, pelo contrário, deve ser entendido como uma manifestação clara da força, do poder e da opulência da natureza);

(März 1756); «Fortgesetzte Betrachtung der seit einiger Zeit wahrgenommenen Erderschütterungen» (April 1756); veja-se a tradução portuguesa dos mesmos em Kant 1955.

2. por outro lado, há uma imagem muito *negativa* e crítica de tudo o que tenha a ver com o *povo* português: a tónica é então posta na religião, fé, superstição, ignorância, orgulho, aspectos que mais tarde se tornarão sinónimos de subdesenvolvimento.

Um século mais tarde, a cristalização desta dupla imagem está bem ilustrada em *Childe Harold's Pilgrimage* de Lord Byron (1860: 19-20):

CANTO I

- XVI. What beauties doth Lisboa first unfold!
Her image floating on that noble tide,
Which poets vainly pave with sands of gold,
But now whereon a thousand of keels did ride
Of mighty strength, since Albion was allied,
And to the Lusians did her aid afford:
A nation swoln with ignorance and pride
[...]
- XVII. But whoso entereth within this town,
That, sheening far, celestial seems to be,
Disconsolate will wander up and down,
'Mid many things unsightly to strange ee;
For hut and palace show like filthily;
The dingy denizens are reared in dirt;
Ne personage of high or mean degree
Doth care for cleanliness of surtout or shirt;
[...]
- XVIII. Poor, paltry slaves! yet born 'midst noblest scenes –
Why, Nature, waste thy wonders on such men?
Lo! Cintra's glorious Eden intervenes
In variegated maze of mount and glen.
[...]

Finalmente, também Baudelaire nos dá conta (de uma forma que hoje poderíamos classificar de pré-ecológica) desta oposição Natureza / Povo num dos seus poemas em prosa que tem o significativo título de «Any Where out of the World» (Baudelaire 1975: 356):

«Dis-moi, mon âme, pauvre âme refroidie, que penserais-tu d'habiter à Lisbonne? Il doit y faire chaud, et tu t'y ragaillardirais comme un lézard. Cette ville est au bord de l'eau; on dit qu'elle est bâtie en marbre, et que le peuple y a une telle haine du végétal, qu'il arrache

tous les arbres. Voilà un paysage selon ton goût; un paysage fait avec la lumière et le minéral, et le liquide pour les réfléchir!»⁶

Em certo sentido pode e deve entender-se este «fora do mundo» com um «fora do mundo europeu», i.e., pode e deve entender-se Portugal (e porventura toda a Península Ibérica) como uma nação (e um espaço), cuja identidade, representa, para o mundo europeu, uma *alteridade radical* — que a aproxima do *exotismo* —, tal como ainda no final dos anos 50 nota Rose Macaulay (1988: 67):

The Iberian Peninsula is foreign, in a sense in which France, Italy, Germany and Scandinavia are not. [...] Iberia is remote, not in distance but in spirit; to travel there is a foreign adventure, and not all the recent popularity of its coasts can make it anything but exotic.

1.5. A REVOLUÇÃO DE ABRIL

Para notar alguma mudança significativa nesta avaliação negativa do povo português é necessário esperar até à primeira metade do século XX (cf. Zimmerer 1996).

E é decerto um dos muitos paradoxos da História (europeia) que sejam precisamente os descendentes dos Judeus que haviam sido expulsos da Península Ibérica nos princípios do século XV que fossem agora os responsáveis por esta mudança positiva de perspectiva no que diz respeito ao povo português.

Vagas de refugiados da Europa Central, fugindo da Alemanha nazi e dirigindo-se para o continente americano, invadiram literalmente Lisboa durante os anos 30 e 40. Alguns desses refugiados deixaram relatos interessantes, onde a simpatia e civilidade do povo português e a atmosfera calma e pacífica que se vivia em Lisboa conhecem lugares de destaque.⁷ Esta mudança de perspectiva deve-se, naturalmente, à situação dos próprios refugiados e ao facto de Portugal se ter mantido neutral durante a II Guerra Mundial. No

6. O poema foi primeiramente publicado na *Revue nationale et étrangère*, de 28 de Setembro de 1867, e posteriormente incluído na colectânea *Le Spleen de Paris* (1869). O título é inspirado num verso de um poema de Thomas Hood («The Bridge of Sighs») que Baudelaire havia traduzido para francês (cf. Baudelaire 1975: 1348).

entanto, como a neutralidade portuguesa durante o conflito foi sempre relativamente dúbia, esta imagem positiva não se aplica, na maior parte dos casos, às autoridades portuguesas.

«Paz» e «tranquilidade» tornaram-se também palavras-chave para Portugal depois de 1974. E a própria Revolução de Abril parecia reforçar estas ideias: uma revolução sem derramamento de sangue, a perda das colónias e a transição para a democracia sem grandes tumultos, em suma, a queda relativamente pacífica do último império colonial europeu, sem violência ou perturbações de monta, deu de Portugal a imagem de um país «de brandos costumes», que passa ordeira e tranquilamente por mudanças radicais.

Ora, como esta é uma imagem extraordinariamente positiva e, ao mesmo tempo, permitia distinguir claramente um Portugal ‘pacífico’ de uma Espanha ‘violenta’ — a imagem de Espanha dilacerada por uma guerra civil sangrenta estava ainda presente de vários modos —, esta hetero-imagem estava naturalmente destinada a desempenhar também um papel importante entre as várias auto-imagens portuguesas.

2. O TRIÂNGULO IBÉRICO: PORTUGAL, ESPANHA E A EUROPA

Deve contudo sublinhar-se que esta última imagem de Portugal e dos portugueses foi rapidamente incorporada no conjunto das auto-imagens portuguesas porque possuía a característica mais importante que normalmente é condição *sine qua non* para a sua integração naquele grupo, pelo menos do ponto de vista português: essa característica tem menos a ver com os aspectos mais globalmente positivos da imagem — algumas hetero-imagens de pendor negativo e muito crítico foram também incorporadas e integradas como auto-imagens —, e mais com o facto de através dela se poder distinguir claramente Portugal de Espanha.⁸

7. Exemplar a este respeito são algumas passagens do livro de Alfred Döblin (1986).

8. Sobre o aspecto específico do complexo relacionamento entre Portugal e Espanha veja-se Grossegessse 1998; no que diz respeito ao modo como estas «contra-identidades» se integram, ou como funcionam, no âmbito da construção das identidades nacionais veja-se Ranum 1986.

Um episódio ocorrido há cerca de 10 anos pode ser tomado como paradigmático do papel absolutamente central que Espanha tem na definição de uma identidade nacional portuguesa.

O jornal espanhol *El País* publicou um número especial da sua revista de Domingo inteiramente dedicado a Portugal. Na primeira página havia a imagem de uma mula, uma carroça e de um homem já velho a urinar ao ar livre. O título era qualquer coisa do género «A ilha do lado».

Este suplemento do jornal espanhol gerou uma onda de indignação em Portugal e foi até objecto de uma nota de protesto que o então Ministro dos Negócios Estrangeiros português fez chegar ao seu congénere em Madrid. Algumas semanas depois, a *Visão* publicou na sua capa uma caricatura que representava um forçado português a pegar de caras um touro espanhol.

Para além de ilustrar bastante bem as diferenças entre a corrida à portuguesa e a lide à espanhola, o que esta caricatura — e, no fundo, todo este episódio — claramente indicia são as complexas e problemáticas relações que os dois países ibéricos mantêm.

O que visto de fora parece um território relativamente estável, quer do ponto de vista político, cultural ou mesmo linguístico, é na realidade mais como uma tapeçaria, uma espécie de manta de retalhos. De facto, a unidade da Península Ibérica — a unidade da própria Espanha — não é mais do que um mito, como aliás um célebre livro do filósofo espanhol Ortega y Gasset (*España Invertebrada*) demonstra à saciedade, livro esse que o autor de resto nunca permitiu que fosse traduzido para outra língua.

Mas a identidade de Portugal foi e é historicamente construída contra (e por oposição a) uma Espanha alegadamente unida e unitária. E este modo de construção da identidade nacional portuguesa torna-se desde logo óbvio no séc. XV, quando D. Duarte reflecte sobre a intraduzibilidade (e por conseguinte a diferença radical) da palavra portuguesa *saudade*, daí deduzindo o carácter único e singular da língua e identidade portuguesas (D. Duarte 1982: 129):

Se alguma pessoa por meu serviço e mandado de mim se parte, e dela sinto *saudade*, certo é que de tal partida não hei sanha, nojo, pesar, desprazer nem aborrecimento, ca praz-me de se ir, e pesar-me-ia se não fosse. E por se partir algumas vezes vem tal *saudade*, que faz chorar e suspirar, como se fosse de nojo. E porém me parece este nome de *saudade* tão próprio, que o latim nem outra linguagem que eu saiba não é para tal sentido semelhante.

Que um dos mais interessantes, importantes e influentes ensaios alguma vez escritos sobre a identidade nacional portuguesa tenha o título de *O Labirinto da Saudade* (Lourenço 1992), é algo que só pode ser entendido como lógico neste contexto.

Porém deverá sublinhar-se que este livro tem um título que se assemelha (curiosa mas significativamente) a outro: na realidade trata-se também de um dos melhores livros de ensaios sobre a identidade nacional mexicana (ou, talvez melhor, hispânica em termos gerais), *El Laberinto de la Soledad*, de Octavio Paz.

A *semelhança*, bem como a *diferença* que estes dois títulos mostram poderá e deverá ser encarada como paradigmática do modo como as duas identidades ibéricas se formaram. Em ambos os casos essas identidades foram construídas uma *contra* a outra — sempre que as *diferenças* se evidenciam — mas também uma *com* a outra — sempre que às *semelhanças/similaridades* é dado um papel de destaque, face à diferença comum que normalmente é proporcionada pelo enquadramento europeu.

3. UCRONIA

Sempre que há um inquérito sobre o local e o modo como os portugueses passam férias, há também algumas respostas que merecem uma atenção mais cuidada.

O facto de a maior parte dos portugueses passarem férias em Portugal pode ter duas interpretações: ou é porque não têm dinheiro suficiente para ir para férias noutra local (e esta é a interpretação do subdesenvolvimento), ou muito simplesmente os portugueses passam férias onde uma grande parte dos outros povos europeus também passam, quer dizer, em Portugal, um destino turístico bem conhecido desde os finais dos anos 60.

Mas o facto de uma grande parte dos poucos portugueses que passam férias fora de Portugal dizerem que passam férias na... Europa (!?) — referindo-se assim geralmente à Europa *para lá* dos Pirinéus — é já uma situação que merece alguma reflexão (o mesmo sucede, aliás, com os espanhóis).

Longe de ser apenas um curioso *lapsus linguae*, esta última situação é especialmente reveladora: coloca Portugal, e genericamente a Península Ibérica, tal como Baudelaire havia escrito profeticamente, «any where» ou algures «fora» deste «mundo» (Europeu), como se fosse uma espécie de ilha utópica, situada num não-lugar (U-Topos).

A visão de uma ilha (ou a de um jardim) é possivelmente a visão que melhor se adapta e se adequa à Península Ibérica.

Mas no que directamente diz respeito a Portugal essa ilha não se deveria chamar Utopia. Em vez disso, e se as visões de Enzensberger fossem tomadas a sério,⁹ essa ilha deveria ser chamada Ucronia, uma ilha fora do tempo (Enzensberger 1987: 179):

Selber schuld, wer seinen Augen traut, sagte der Monsignore. [...]
Ihren Auto-Atlas, fuhr er fort, können Sie vergessen. Die Landkarten lügen.
Wie meinen Sie das, Eminenz?
Portugal, sagte er, ist wie Irland, mit dem es viel gemeinsam hat, eine Insel. Ja, ganz im Ernst: eine Insel, die am westlichen Horizont verschwimmt, ein Überrest des sagenhaften Atlantis.

E o mesmo autor prossegue (Enzensberger 1987: 181-182):

Aber nicht nur im Raum gibt es Inseln, sagte er endlich. Auch die Zeit hat ihre Archipele.
Wie meinen Sie das? [...]
Sie und ich, wir lebten tatsächlich im Jahre 1986 – eine kühne Voraussetzung! –, und wir besuchten eine Kleinstadt in Mecklenburg, so käme es uns vielleicht vor, als schriebe man dort das Jahr 1958. Eine Siedlung am Amazonas ließe sich auf das Jahr 1935 datieren, und ein Kloster in Nepal auf die napoleonische Zeit. Auf einer solchen Karte, darauf wollte ich eigentlich hinaus, würden große Teile Portugals als Zeitinsel erscheinen.

Uma ilha, portanto, «o mais contingente dos acasos» no dizer de Saramago (1997: 213), ou uma jangada de pedra. E as imagens datam, ambas, de 1986.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDELAIRE, Charles (1975), *Oeuvres Complètes*. Texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois. I, Paris: Gallimard.
- BREIDERT, Wolfgang (Ed.) (1994), *Die Erschütterung der vollkommenen Welt: Die Wirkung des Erdbebens von Lissabon im Spiegel europäischer Zeitgenossen*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

9. Cf. Hanenberg (1996) onde se desvendam as fontes deste artigo de Enzensberger, nomeadamente a fundamental importância que alguns ensaios de Eduardo Lourenço tiveram na construção deste texto.

- BYRON, Lord (1860), *Childe Harold's Pilgrimage*. New Edition. London (1ª ed.: 1816).
- COLOMBO, Cristóvão (1986), *Los Quatro Viajes. Testamento*. Ed. Consuelo Varela. Madrid: Alianza.
- DEFOE, Daniel (1965), *The Life and Adventures of Robinson Crusoe*. Edited with an introduction by Angus Ross. London: Penguin (1ª ed.: 1719).
- D. DUARTE (1982), *Leal Conselheiro*. Ed. João Morais Barbosa. Lisboa: IN-CM (Ms. 1438).
- DÖBLIN, Alfred (1986), *Schicksalsreise. Bericht und Bekenntnis. Flucht und Exil 1940-1948*. München: Piper [trad. portuguesa: *Viagem ao destino: relato e confissão*. Trad. Sara Seruya, Porto: Asa 1996].
- ENZENSBERGER, Hans Magnus (1987), «Portugiesische Grübeleien» in: *Ach Europa! Wahrnehmungen aus sieben Ländern. Mit einem Epilog aus dem Jahre 2006*. Frankfurt am Main: Suhrkamp (pp. 177-233) [pub. primeiramente em *Die Zeit*, Nr. 40, 26.09.1986; trad. portuguesa parcial publicada no *Diário de Notícias* de 22.02.1987].
- ESTRABÃO (1994), *A Geografia da Ibéria segundo Estrabão*. Introdução, versão em vernáculo, comentários e anotações gramaticais aos textos de José Cardoso. Braga.
- GROSSEGESSE, Orlando (1998), «Der Mythos der spanischen Invasion» in: D. Briesemeister/ A. Schönberger (Hgg.), *Moderne Mythen in den Literaturen Portugals, Brasiliens und Angolas*. Frankfurt am Main: TFM (pp. 15-40).
- GUERRA, Amílcar (1995), *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.
- HANENBERG, Peter (1996), «Portugal in Europa oder die Weisen der Vernunft» in: *Arcadia. Zeitschrift für Allgemeine und Vergleichende Literaturwissenschaft*, Berlin/New York (pp. 165-178).
- HEINRICHS, Hans-Jürgen (1990), «Lissabon. Im Garten Europas» in: *Der Reisende und sein Schatten. Städte & Landschaften*. Frankfurt am Main: DVA (pp. 37-72).
- JAUCOURT, Chevalier de (1765), «Portugal» in: *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*. Vol. XIII. Paris (pp. 157-158).
- KANT, Immanuel (1955), *Ensaio de Kant a propósito do terramoto de 1755*. Trad. Luís Silveira. Lisboa: Câmara Municipal.
- KAPLAN, Marion (1991), *The Portuguese. The Land and its People*. London 1991.
- LOURENÇO, Eduardo (1992), *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Pub. Dom Quixote (5ª ed.; 1ª ed.: 1972).

- MACAULAY, Rose (1988), «In Spain and Portugal» in: *Views from Abroad. The Spectator Book of Travel Writing*. Ed. by P. Marsden-Smedley & J. Klinke. London (pp. 67-69 [publicado primeiramente em *The Spectator* de 22.02.1957]).
- MELA, Pomponius (1994), *Kreuzfahrt durch die Alte Welt/De Chorographia*. Zweisprachige Ausgabe v. Kai Brodersen. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- MONTESQUIEU (1964), *Lettres persanes*. Chronologie et préface par Jacques Roger. Paris: Garnier-Flammarion [¹1721].
- MORE, Thomas (1965), *Utopia*. Translated with an Introduction by Paul Turner. London: Penguin [¹1516].
- OXENSTIRN, Comte de [= Johan T.] (1754), *Pensées Morales sur divers sujets par Mr. Le Comte Oxenstirn. Nouvelle Edition, Revue, corrigée & augmentée de Maximes et Reflexions par le meme auteur*. Tome Premier. A Francfort sur le Meyn, Chez François Varrentrapp. MDCCLIV.
- RANUM, Orest (1986), «Counter-Identities of Western European Nations in the Early-Modern Period: Definitions and Points of Departure», in Peter BOERNER (ed.): *Concepts of National Identity. An Interdisciplinary Dialogue*. Baden-Baden: Nomos (pp. 63-78).
- SARAMAGO, José (1997), *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho (ed. ut.: 7^a ed., com um posfácio de Luís de Sousa Rebelo; 1^a ed.: 1986).
- VOLTAIRE (1756), «Poème sur le désastre de Lisbonne, ou Examen de cet axiome ‘Tout est bien’» in: *Poemes sur la religion naturelle, et sur la destruction de Lisbonne*. Genève 1756 [citado a partir de Breidert 1994: 61-73].
- _____(1986), *Candide ou l'Optimisme. Conte philosophique*. Paris Hachette [¹1759].
- ZEDLER, Johann Heinrich (1741), «Portugall» in: *Grosses Vollständiges Universal-Lexicon Aller Wissen-schaften und Künste, Welche bißhero durch menschlichen Verstand und Witz erfunden worden*, Vol. 28, Halle/Leipzig (pp. 1658-1663).
- ZIMMERER, Jürgen (1996), «Die Nelkenrevolution und die deutsche Öffentlichkeit. Überlegungen zur Rezeption der portugiesischen Revolution in den deutschen Printmedien» in: *Runa. Revista portuguesa de estudos germanísticos*, 26/1996 (pp. 573-578) [= Actas do I Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos, Vol. II].